

fonte: OESP

class.: 197

data: 12/1/95

pg.: 44

DESTAQUE

JOSÉ CASADO

Amazonas dá floresta a madeireiras

O Amazonas decidiu liberar a exploração de madeira. Amazonino Mendes, governador, fez o anúncio esta semana, com toda solenidade, para um auditório lotado por uma centena de especialistas em derrubada de árvores na floresta amazônica — os madeireiros que estão operando no Pará.

Amazonino convocou a tribo da moto-serra para uma reunião em Manaus, apenas 72 horas antes de o presidente Fernando Henrique Cardoso iniciar seu périplo ecológico pela Amazônia.

Na reunião, o governador informou que os combalidos cofres estaduais serão postos à disposição para o financiamento parcial dos custos de transferência das madeireiras do Pará para o interior da selva do Amazonas.

Justificou dizendo que é um capítulo do seu programa de governo, que tem o pomposo título de Terceiro Ciclo de Desenvolvimento.

Amazonino acabou cometendo uma gafe ecológica: esqueceu que a viagem presidencial à Amazônia, neste fim de semana, foi toda montada na perspectiva do marketing ecológico. O governo federal resolveu aproveitar a oportunidade do início de um antigo e ambicioso projeto de preservação da Amazônia, feito sob a coordenação direta dos governos dos sete países mais ricos (Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Inglaterra, Itália e Canadá).

Brasília esmerou-se na preparação desse passeio pela floresta. Convidou os embaixadores do Grupo dos Sete e, também, 35 jornalistas estrangeiros. Até o início da semana, a agenda do presidente nesse périplo amazônico estava exclusivamente dedicada a temas como a preservação das árvores, índios, rios, lagos, arquipélagos, fauna e igarapés.

Amazonino apelou para o número de votos do Amazonas no Congresso Nacional, nesta temporada de reforma constitucional e conseguiu incluir as indústrias da Zona Franca de Manaus no roteiro preservacionista do presidente da República.

Enquanto negociava com Brasília, chamou a Manaus a centena de madeireiros de Paragominas (PA): mesmo sem detalhar os incentivos, anunciou que o Amazonas vai criar um "pólo de madeiras nobres" na região de Itacoatiara.

Disse planejar chegar a 1997 com pelo menos 50 mil pessoas empregadas. Ou seja, de moto-serras nas mãos, caçando árvores.

Há um problema operacional: Itacoatiara, que já tem duas megamadeireiras, não tem energia sobrando. Ali vive-se no racionamento.

Tempos atrás, o Estado tentou uma solução alternativa. Comprou nos Estados Unidos uma usina termoeletrica, de segunda mão, movida por motores de avião reconicionados. Como não funcionavam, o governo local mandou-os para as oficinas da Varig, em Porto Alegre. Voltaram recauchutados, mas há 12 meses estão parados. Agora, planeja a construção de 2 mil quilômetros de linhas de transmissão para compra de energia da Venezuela.

O Amazonas é um dos que menos exportam madeiras tropicais. O plano de Amazonino supõe um ganho adicional de receita tributária na derrubada de árvores. Mas, certamente, ele não conta com arrecadação expressiva: a devastação madeireira na Amazonia é uma atividade econômica quase integralmente clandestina.

Sabe-se que parte dos investimentos têm origem em dinheiro lavado pelo narcotráfico. E é notória a sonegação, em larga escala.

Dados recentes do Sindicato dos Trabalhadores em Madeira, de Belém, indicam, por exemplo, que as madeireiras existentes em Paragominas — exatamente as que Amazonino convidou — faturam cerca de US\$ 190 milhões anuais.

O governo do Pará só consegue cobrar impostos sobre 20% dessa montanha de dinheiro. E não é só: tornaram-se rotina,

na região, as denúncias de trabalho em regime similar ao de escravidão.

Em Itacoatiara, onde Amazonino deseja instalar um novo exército de moto-serras, já existe a madeireira Gerthal, com capacidade para derrubar e estocar até 100 mil metros cúbicos por ano.

Há pouco mais de um ano, a Gerthal foi flagrada pelo Ibama com um carregamento de 8 mil metros cúbicos de madeira extraída de forma clandestina. Ganhou multa de US\$ 1 milhão, recorde nessa categoria de punição ambiental.

Sem energia, sem dinheiro e sem meios de garantir fiscalização eficiente, o que o governador do Amazonas fez foi pouco mais de uma gafe, na semana do passeio ecoturístico do presidente da República.

Na prática, ele anunciou aos madeireiros que está abrindo uma nova fronteira para a devastação na selva amazônica — o Estado que governa.



■ José Casado é jornalista

O governador cometeu uma gafe, na semana do passeio ecoturístico do presidente